

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pedagogia da hospitalidade no futebol de rua: escuta e diálogo em experiências de convívio, o futebol de rua como lugar de lazer e luta pelo direito à cidade

Pedagogy of hospitality in street soccer: listening and dialogue in experiences of conviviality, street soccer as a place of leisure and struggle for the right to the city

Coletivo União Lapa Futebol Clube^I, Rosanegra Ação Direta e Futebol (ADF)^{II}

Resumo

Este relato de experiência busca trazer ao debate a reflexão sobre o ato da escuta como ponto fundamental para a convivência e, assim, também para a redução de danos. A discussão acontece a partir da experiência de jogar futebol de rua, mais precisamente no território conhecido como Cracolândia, em que participam pessoas que habitam os arredores da região da Luz, zona central da cidade de São Paulo, e pessoas que fazem parte dos times de futebol União Lapa F. C e Rosanegra ADF. Trata-se de um trabalho de campo, em que há uma constante vivência e reflexão acerca de problemas estruturais da nossa sociedade que marcam a desigualdade e são retomados na trajetória de pessoas que resistem frente a tantas violências. O direito ao lazer e à cidade se tornam, assim, marcos essenciais para a redução de danos e para a busca da transformação social que não reproduzem a lógica capitalista, baseada na exploração do ser humano e na acumulação de riquezas.

Palavras-chave: População em situação de rua; Escuta; Direito à cidade; Futebol de rua.

Abstract

This experience report endeavors to initiate discourse concerning the act of listening as a pivotal component for societal cohabitation and, consequently, for harm mitigation. The discourse emanates from the participatory observation of street soccer, specifically within the demarcated territory colloquially termed Cracolândia. This locale draws individuals from the peripheries of the Luz region, located within the Central Zone of São Paulo, alongside members of the football clubs União Lapa F. C and Rosanegra ADF. Embodied within a fieldwork methodology, this study encapsulates a continuous experiential and reflexive engagement with the structural inequities pervasive within our societal fabric, manifesting as instances of resistance against myriad forms of violence. Thus, the entitlement to leisure and urban space emerges as pivotal tenets in the pursuit of harm mitigation and the cultivation of a societal metamorphosis devoid of the reiteration of capitalist paradigms, predicated upon the exploitation of human labor and the amassing of capital.

Keywords: omelessness; Active listening; Urban entitlements; Street football.

^I Coletivo União Lapa Futebol Clube (uniaolapafbc@gmail.com) é um time Centenário, fundado no ano de 1910 por operários residentes do bairro da Lapa. Teve seu primeiro amistoso contra o time do Corinthians. Ao contrário do adversário, que seguiu o rumo da profissionalização, o União Lapa permaneceu atuante nas várzeas paulistanas. No ano de 2016, o time foi refundado com a articulação de mais ou menos 50 pessoas que, além de jogar bola, fazem frente em algumas ações na cidade de São Paulo, como a presença ativa de mulheres nos jogos, a organização de campeonatos, de atividades e de festivais, como a ação na Favela do Moinho, que fornecia treinos de futebol para adolescentes da região e os jogos de futebol no território da Cracolândia.

^{II} Coletivo Rosanegra Ação Direta e Futebol (ADF) (adriana.shiraishi@gmail.com) é um coletivo autônomo e uma equipe de futebol que pensa em ações políticas por meio do esporte.

Introdução

Desde o início de 2023, os times União Lapa F.C e Rosanegra ADF decidiram participar pontualmente, mas de maneira ativa e regular, de atividades voltadas para lazer e vínculos em uma das ruas próximas à

Estação da Luz. A proposta era traçar, junto ao coletivo Craco Resiste e às pessoas do território, um caminho de redução de danos e de ação contra a violência advinda do Estado em relação aos adictos que ali residiam e/ou frequentavam.

Figura 1. Redução de danos (RD) pelo futebol União Lapa F.C e Rosanegra ADF.



Foto: Luca Meola, 2024.

Entendemos a Redução de Danos (RD) como uma gama de possibilidades que tem como foco diminuir os danos relacionados ao uso de substâncias psicoativas¹. É nessa perspectiva de RD que nasce a atividade de futebol próxima ao *fluxo*^{III}, localizado atualmente na Rua dos Gusmões, ao lado do teatro de Contêiner Mugunzá. A atividade acontece uma vez por semana, às quintas-feiras, entre 19h e 21h.

Um dos objetivos da ação é reunir as pessoas para jogar futebol de rua. Próximas ao fluxo, pedimos licença para chegar e chamamos as pessoas para

jogar. Costumamos iniciar tocando a bola em círculo e, quando é atingido um número bom de participantes, o jogo de futebol começa, com três ou quatro pessoas no geral, em um cenário que conta com cones, para marcar o espaço do campo e do gol, e com coletes, para a identificação dos times. Além disso, assim como na Cracolândia, a convivência se dá em movimento, durante uma ou duas horas, entre pessoas que já conhecem o futebol e passaram a adquirir frequência no esporte e outras, que acabam jogando porque estão passando por perto do jogo. No entanto, nos dias de começo de mês e naqueles em que há alguma “ação” policial no espaço, ocorre um esvaziamento da atividade.

III Nome dado à concentração de usuários de drogas em determinado um ponto da Cracolândia.

Figura 2. Futfluxo, Cracolândia-SP.

Foto: Luca Meola, 2024.

Apesar disso, é nesse contexto que conseguimos fazer do futebol um meio para ativar a escuta e o desenvolvimento de vínculos. Percebemos, desse modo, que é na singularidade de cada jogo, composto por pessoas novas e outras de convivência já estabelecida, que o futebol se faz uma excelente ferramenta de redução de danos e de resistência, por meio da qual podemos atuar e viver experiências que vão além do próprio jogo.

Tendo em vista esse convívio e escuta, seguimos pensando em mecanismos de acolhimento e em maneiras de estar ali. Consideramos que é fundamental buscar entender como o outro se coloca no mundo, o que o motiva, quais são as suas linguagens, gostos, como performa no jogo e na vida. Nesse sentido, vale mencionar, como afirma Bell Hooks² (2002): “Ouvir é um ato político [...]. Ouvir não é apenas uma questão de ouvir palavras; é uma prática de estar presente e totalmente envolvido com a pessoa que está falando. É uma forma de demonstrar cuidado e respeito.”

A escuta, assim como as pessoas, movimenta todas as partidas. Quem está jogando conversa com o corpo e pede bola. Quem não está jogando torce e fala o nome das e dos conhecidos. Também se presta a ouvir uma história de quando era mais novo e sonhava em ser jogador. As vozes aparecem, por vezes roucas e de difícil compreensão.

Há muitas histórias que poderíamos escolher para serem compartilhadas neste ensaio. Uma delas diz respeito ao dia em que a bola estourou embaixo do pneu de um caminhão que cruzava a rua. Por conta do barulho, quem estava sentado na ponta do fluxo, assustado, saiu correndo para o outro lado. Quem estava jogando ficou estático, parado, olhando um isopor sair de dentro da bola. Cristiane, que estava jogando conosco e que antes dizia se chamar Andrea, nos abraçou, gritando: “Vocês me fizeram rir hoje!”

A mini-cracolândia ali existente, já dispersa por diversas operações policiais a mando de inúmeros governos, com vistas à extinção de sua população,

agora joga futebol. Nesse espaço, pudemos conhecer histórias de muitas pessoas que param, toda quinta-feira, para jogar conosco e, principalmente, para contar sobre si, seja por meio da bola no pé, de um toque de letra ou de um toque sem fundamento nenhum, seja por meio de uma reclamação ou simplesmente usando a palavra dita na beirada do campo-rua.

Nesse exercício de escutas e trocas, Thiago Costas, um dos frequentadores do futebol, morador do fluxo, soube que escreveríamos um texto relatando nossas experiências e pediu para gravarmos o depoimento a seguir:

Desde 2016, participo da Craco Resiste. Várias pessoas, desde essa época, que eram da craco nem existem mais, uns desapareceram, outros presos, pessoas que foram atropeladas na Rio Branco, porque os carros passam “embrizados”... o momento do futebol é um momento que vocês tiram a gente lá do fluxo, cês tira a gente da droga pra passar um momento diferente com vocês, como se fosse família mesmo... a vida que a gente vive aqui é totalmente diferente, o que a gente passa no dia a dia é tenso e vocês dá outra visão pra gente. Um bem estar diferente. A gente não tem pessoas igual vocês que vem aqui pra fazer esse tipo de trabalho...de lazer, diversão... É totalmente inexplicável. Tenho lembranças de vocês jogando aqui na frente, a gente jogando junto debaixo de chuva até... sentimento inexplicável.
(Depoimento, Thiago Costas, 2024).

Em seu relato, Thiago menciona um cotidiano tenso para fazer oposição e gerar contraste com sua vivência por meio do futebol, um momento totalmente diferente, em suas palavras, dos experienciados no fluxo. Sobre isso, Luiz Rufino (2019) nos traz:

Eis as ruas, suas esquinas e encruzilhadas: por lá inventam-se os cotidianos. Em cada

rua, em suas curvas e dobras, acende-se as velas e vela-se as vidas, rega-se o chão e os corpos com marafo. A rua nada mais é do que o que se passa por ela, sujeitos comuns e suas práticas. A rua é tão diversa quanto os tipos que a praticam, inscrevendo seus saberes nos cotidianos. A rua é de quem nasce, se cria e morre nela, digamos também que é daqueles que a fazem de lugar de passagem, rito de invenção do mundo. A rua é das mulheres e homens comuns, suas histórias e sapiências, modos de vida significados nas frestas e na escassez. Eis a rua e seus zeladores, os tipos que nascem, se criam e morrem por lá, eis os que a fazem como lugar de passagem, eis os sujeitos que a praticam, eis os poderes que por ali se encantam, eis o povo da rua. (...) O lugar que se abre e onde se cruzam os poderes que reinventam a vida enquanto possibilidade chama-se encruzilhada.³ (p.108).

Apesar dessa vida reinventada, precisamos dizer que não é tranquilo estar com a roupa suja ou dormir nas calçadas, nem há beleza alguma nisso. Falas repetitivas muitas vezes acontecem, assim como aquela pessoa que vai e volta: vai em um dia e volta depois de um mês. Muitas coisas se passam nesse ínterim. De repente, ela não tem mais RG; se tinha um abrigo, pode estar na caminhada; se estava forte, pode voltar magra. E nós, que não vivemos no território, também podemos não estar bem ou estarmos cansadas. Entretanto, temos uma casa para onde voltar.

Crise urbana e a luta pelo direito à cidade

“Sonho, quem nunca teve um sonho?”

Da Cracolândia de Nego Bala, Boca do lixo da década de 1960, tão filmada para filmes proibidos para menores de 18 anos por conter cenas de sexo e violência, encontramos todas as quintas-feiras as mais diferentes pessoas, cada uma delas com a sua história inventada

naquele momento da narrativa ou vivida de verdade. E assim traçamos um percurso que envolve o direito à cidade.

Com base nas vivências no território, é possível inferir que, contemporaneamente, estamos imersos em uma profunda crise urbana, que às vezes aparece

como caos urbano ou conjunto de conflitos e somos desafiadas, em meio às narrativas cotidianas, a tentar compreender as contradições e quais são os fundamentos do modo capitalista de produção que configuram a sua constante reprodução.

Figura 3. Redução de danos (RD) pelo futebol. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

Cada vez mais inseridas no território, podemos ter em vista que a transformação radical da sociedade, pensando em uma utopia, está para além do urbanismo que higieniza e, no caso do centro, coloca as pessoas em situação de rua para as periferias e para caminhar sem destino num eterno ir e vir, e de um planejamento urbano que não leva em consideração aqueles e aquelas que vivem nesse lugar de vulnerabilidade. Urbanismo e planejamento urbano são ideologias e práticas que se mostram racializadas e gentrificadas. O Estado se une ao mercado para a reprodução do capital e para a manutenção das classes sociais. É nesse lugar do território,

nesse espaço em que existem emergências devido à falta de acesso a elementos básicos de reprodução da própria vida, como não ter casa e não ter comida, nem saneamento básico mínimo, fundamental para a reprodução da vida, que vemos se assegurar a reprodução do capitalismo via violência estatal. Junto a essas pessoas, que encontramos semanalmente, buscamos reivindicar o direito à cidade que não se trata de inserção à cidade e à sociedade capitalista, que substituiu a troca pelo terror da dívida⁴, mas dentro de um lugar de utopia, da negação do capitalismo se realizando via espaço, no caso território-fluxo, ora em movimento. Cracolândia.

Figura 4. Categoria e qualidade no futebol do palmeirense Renatinho. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

Figura 5. Futebol de rua na Cracolândia, São Paulo.



Foto: Luca Meola, 2024.

Quando a grande mídia noticia a Cracolândia, estigmatizando as pessoas que vivem ou transitam nesse território como “indesejáveis”⁵ (p. 2), proliferam discursos de ódio. Mascaram em si o violento abandono que boa parcela da população sofre. Faz-nos lembrar de Bertolt Brecht (1973) quando escreve o poema “do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.”⁶ (p. 71). O território-fluxo, assim como as águas, estão em fluxo e na mira do capitalismo, neste caso, na mira da especulação imobiliária. Esse movimento sobrevive desde 1990 em meio a sucessivas intervenções do governo.

Cracolândia - uma quinta-feira entre outras

Asfalto, bituca de cigarro, lixo, chorume e gente, muita gente. A multidão reverbera feito água em ebulição. Muitos caminham a passos rápidos, outros conversam em roda. Há quem venda bugigangas dispostas sobre um tecido no chão, quem desfile ao som do funk com a caixa pendurada ou quem chame atenção pelo simples despautério que é existir passando de lingerie e peruca colorida na via pública.

Depois de alguns minutos observando e escolhendo o melhor local, colocamos a bola no chão com os músculos ainda contraídos e começamos a trocar passes com mais dois conhecidos pra disfarçar o desassossego. Aos poucos, sentimos o peito se abrir para estar ali.

Figura 6. Futebol e sociabilidade. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

A bola chama com precisão os mais dispostos, talvez apaixonados ou nostálgicos. Distribuimos coletes, definimos a distância dos gols com conezinhas e o futebol acontece como na rua da infância. Gol é

gol, trave é trave, falta é falta. Tem coisas que não precisam de explicação.

Quatro contra quatro, oito minutos ou dois gols para quem tá de próximo. – Toca, Leandro, porra! Bia tem muita

vontade de jogar e caiu bem no time do Leandro, que é habilidoso e, por isso, fominha. Não toca a bola por nada.

Adriana dribla um, dois, mete gol e comemora. – Caralho, a mina joga melhor que os cara! O jogo

tá pegado, mas vez ou outra é interrompido, porque enquanto a bola rola, as pessoas passam, a carroça de sucatas, conhecida como o “pesado”, os carros, a polícia... o fluxo é vivo.

Figura 7. Dribladora Adriana. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

Encostamos em uma das inúmeras portas metálicas pichadas ao redor. Os estabelecimentos estão todos fechados, porque jogamos fora do horário comercial da rua Santa Ifigênia, centro de São Paulo, um dos principais pontos da Cracolândia. – Dá espaço, Pneu, tem que dar espaço! Grita-se enquanto olha-se o jogo, cuidando da bola pra não ir longe.

Regina fala bem perto, mirando seus olhos verdes e grandes. Voz grave, rouca, cabelos dourados, cacheados até a altura das orelhas, pele queimada do sol, Regina se diverte e tece comentários lúcidos sobre a partida. Daqui a pouco tira seu cachimbo do bolso. – Já volto! E caminha para o outro lado, para fumar em paz. (...) - E ainda dizem que aqui é onde vivem os zumbis.

O conceito de “zumbis”, empregado de forma preconceituosa, pode levar à conotação de que as pessoas do território são como mortos-vivos, desprovidos dos atributos humanos de pensar e sentir. Que nada. Pedro é uma das provas de que as pessoas no território têm vida e são cheias de talento. Ele chegou para a roda de futebol. Passes rápidos e a perna enrijecida aos poucos foi se soltando. Rosto sisudo foi abrindo espaço para sorrisos. Se sentia seguro conosco ali, estava como parte da pelada, fazendo parte de nós do futebol. Ele e mais dois manos foram nos acompanhando até o nosso ponto de encontro, o Bar da Nice, depois do fut em roda no fluxo.

Figura 8. Futebol e alegria. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

Figura 9. Cracolândia resiste.



Foto: Luca Meola, 2024.

Nesse dia foi bonita a correria e os passes, transgredindo as orientações lamentáveis do braço armado do Estado, de que não existe futebol de rua, pelo menos não ali na Cracolândia. Pedro contou que era cantor de improviso, MC P.A. Depois de vários jogos

e alegrias, sentou-se junto a nós e fez uma canção no improviso. Gravamos um vídeo em que cantava sobre a importância que é essa ação de futebol para ele. Ele se emocionou, por ter jogado futebol, pela nossa recepção, pela nossa escuta e por todo respeito com ele.

Figura 10. Várias resenhas no futebol. Cracolândia-SP.



Foto: Luca Meola, 2024.

Foi nesse dia também que conhecemos a Sami. Numa passada de bola pra um mano que colou com a gente, ela parou a bola – na classe – e falou: “eu jogava bola. E agora nem sei mais quem eu sou.” Bola rolou pra uma de nós que, de primeira, devolveu a ela, mantendo a resenha viva com ela. Com uma mala de rodinha e olhar distante, falou de onde era e se uniu ao bonde. Espiava de longe nosso futebol de rua, na velocidade e na brincadeira de passes. Sami se produziu toda para sair na foto conosco, pegou maquiagem na bolsa, penteou o cabelo, abriu o sorriso. Ativista, Camila se emocionou e disse em alto e bom som: “olha essas pessoas se organizando para esse registro...” Na sequência nós nos unimos para uma foto geral.

Sami pegou suas coisas – com sorriso estampado no rosto. Convidamos pro futebol da quinta seguinte. Ela, com o olhar distante, nos contou que havia saído de casa há dez dias e não disse sequer aonde iria. Teve recaída. A primeira coisa que perdeu foi seu celular. Mãe de cinco crianças que deixou com sua mãe, avó-cuidadora. Revelou que todo dia diz que vai embora, mas, com medo do que pode acontecer quando chegar e ciente do vacilo que deu (e do seu vício), não vai. Encheu os olhos de lágrimas e disse com vigor, “Eu cuido das minhas filhas, mas às vezes tenho essas recaídas”. Foi embora com os olhos lacrimejando, perguntamos se ela ia pra casa. Deu a entender que (ainda) não...

*

Cada dia uma nova cena se desenrola. Violência assola nessas encruzilhadas. Corpos transeuntes visitam, outros moram no território-fluxo. Formam uma nova família. Tem afeto. Tem talentos. Teríamos muito a falar, mas ainda há muito a se refletir coletivamente. Talvez não tenhamos respostas fechadas a oferecer, tampouco consensuais entre nós. Por isso, fechamos essas linhas conclusivas, pedindo que estejamos atentos: existem vidas na Cracolândia e elas resistem.

Referências

1. PBPD - Plataforma brasileira de políticas de drogas. Droga é caso de polícia: guia de bolso para debates sobre políticas de drogas [internet]. 2018 [acesso em 20 mar 2020]. Disponível em: <https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Guia-de-Bolso-para-Debates-sobre-Politica-de-Drogas.pdf>
2. Hooks B. *Communion: The Female Search for Love*. William Morrow & Company; 2002.
3. Rufino L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial; 2019.
4. Teixeira MB, Lacerda A, Ribeiro J. Potencialidades e desafios de uma política pública intersetorial em drogas: o programa De Braços Abertos de São Paulo, Brasil. *M. Physis*. 2018;(28):280-306.
5. Clastres P. *A sociedade contra o Estado*. Santiago T, tradutor. Santo André: Ed. Curta e Grossa; 2013.
6. Teixeira MB, Lacerda A, Ribeiro JM. Potencialidades e desafios de uma política pública intersetorial em drogas: o programa De Braços Abertos de São Paulo, Brasil. *Physis*. 2018;(28):280-306.
7. Brecht B. *Poemas*. Lisboa: Editorial Presença; 1973.